

ENTREVISTA

O Sul em Vitor Ramil

INTERVIEW
The South in Vitor Ramil

Vitor Ramil¹,
Tais Beltrame dos Santos², Helene Gomes Sacco³,
Eduarda Gonçalves (Duda)⁴ e Eduardo Rocha⁵

Apresentação

Compositor, letrista, cantor e escritor brasileiro, Vitor Ramil é natural de Pelotas, onde nasceu em 7 de abril de 1962. Autor de doze álbuns, Estrela, Estrela (1981), A paixão de V segundo ele próprio (1984), Tango (1987), À beça (1995), Ramilonga - A estética do frio (1997), Tambong (2000), Longes (2004), Satolep Sambatown (com Marcos Suzano - 2007), délibáb (CD+DVD - 2010), Foi no mês que vem (duplo - 2013), Campos Neutrais (2017) e Avenida Angélica (2022), álbum recente e de canções inéditas compostas a partir de poemas da poeta pelotense Angélica Freitas. Além disso, Vitor é autor de dois songbooks: Vitor Ramil (2013) e Campos Neutrais (2017). Vitor tem como temas recorrentes de suas músicas: o tempo, a paisagem, a melancolia e o cotidiano, muitas vezes constituindo imagens inundadas por subjetividades que compõem a experiência ao sul do Brasil. Seus trabalhos também são reconhecidos por reunir artistas e sonoridades brasileiras, argentinas e uruguaias. A ligação com a cidade e a cultura Pelotense são abordadas nas novelas Pequod (1995), Satolep (2008) e A primavera da pontuação (2014). Seu ensaio, apresentado na Conferência *Porto Alegre, un autre Brésil*, no Théâtre Saint-Gervais em Genebra: A estética do frio (2004), é um marco no pensamento sulino, porque propõe, a partir da música, uma nova forma de investigarmos o território ao sul do sul, onde a experiência da frialidade anuncia um ciclo sazonal, e sua percepção, um processo de criação em construção permanente. É nesse ensaio que Vitor afirma: “Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história”, uma reflexão explorada na chamada dessa revista, e em diversos trabalhos que compõem a Pixo 21: Ao sul do Sul. Desde

1 Vitor Hugo Alves Ramil (Pelotas, 7 de abril de 1962), mais conhecido como Vitor Ramil, é um cantor, compositor e escritor brasileiro.

2 Graduanda em Artes Visuais - licenciatura (UFPel). Doutoranda em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2021). Arquiteta e Urbanista (UFPel/2018).

3 Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRGS. É artista, professora e pesquisadora do campo das Poéticas Visuais. Sua produção artística é composta por trabalhos que articulam objetos, desenho, escrita e fotografia, e buscam através de um tom ficcional pensar sobre a produção de objetos e suas implicações com a memória, a casa e os modos de vida. É líder do Grupo de Pesquisa Lugares-livro: dimensões materiais e poéticas, CNPq/CA - UFPEL. Coordena o Projeto de Pesquisa OBJETOCOISA: reflexões sobre a criação e produção de materialidade na Arte. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, no Mestrado em Artes Visuais - CA/UFPEL, onde também é professora na graduação, em disciplinas voltadas à percepção do espaço tridimensional e a criação de relações entre arte e cidade.

4 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2011); Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2000); e Bacharel em Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/1996).

5 Professor Associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestre em Educação pela UFPel, Doutor em Arquitetura pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pós-Doutor pela Università Roma Tre.

o início da Pandemia, Vitor Ramil trabalha em uma revista à conferência “A Estética do Frio”. Mais informações sobre o artista e sua obra podem ser acessados em seu site⁶.

Entrevistado

Vitor Ramil

Entrevistador@s

Tais Beltrame dos Santos, Helene Sacco, Eduarda Gonçalves e Eduardo Rocha

Roteiro

Tais Beltrame dos Santos, Eduardo Rocha, Helene Sacco, Eduarda Gonçalves e Fernando Fuão

Revisão

Tais Beltrame dos Santos, Paula Pedreira Del Fiol e Eduardo Rocha

Agradecimento

Renata Requião e Marlise Buchweitz

Revista PIXO: Estamos todos em casa, ainda. A casa hoje é, mais intensamente, um lugar de território e tempo, paisagem que aparece em muitas das tuas letras musicadas. Em qual tempo e em que casa o Vitor escreve e compõe agora? Qual a atual ilusão da casa?

Vitor Ramil: Objetiva e subjetivamente minha casa é sempre a mesma, esta casa *chorizo*, como dizem os argentinos, tipicamente pelotense, embora não seja daqueles vistosos casarões mais comumente associados à cidade; esta casa simples, mas de excelente construção, seca, luminosa, com quase 100 anos de existência, que meus pais compraram quando eu tinha 4 anos; a casa onde se deu a maior parte das minhas experiências criativas e que, para mim, chegou a se confundir com a própria criatividade; casa que é cenário da minha novela *Pequod* e que sugere a casa do personagem Selbor em *Satolep*, que aparece em mais de uma canção, mesmo em algumas em que eu não mencione qualquer casa. Voltei do Rio de Janeiro pra cá no começo dos anos 90, e nunca mais saí. Mas enquanto morei em Porto Alegre, no Rio e, mesmo por curto período, em Barcelona, a casa nunca saiu de mim. O ambiente de arte e afeto que a minha família instalou dentro dela foi determinante para sua permanência e duração. Tempo e espaço. Parece descrição do universo pela teoria da relatividade. É um universo pessoal, sem dúvida. O tempo é minha casa, como diz a letra. Continua a valer essa ilusão. Eu teria sentido mais isolamento social se, numa pandemia de outro tipo, tivesse sido obrigado a não ficar fechado nela.

Revista PIXO: Falando em casas, em Satolep, é muito lindo quando falas das escaiolas e a relação com nosso clima úmido e paisagens alagadiças. Como foi que se deu essa percepção da “escaiola”, alguma experiência em particular?

Vitor Ramil: A percepção foi em casa mesmo, onde temos duas lindas escaiolas. Meu pai sempre me chamou a atenção para aspectos construtivos ou paisagísticos da cidade. E não me refiro só às casas ou praças, pelas quais ele foi responsável em determinado período (sabia o nome científico de árvores e insetos que havia nelas), mas às ruas (fez as medições para a abertura da Dom Joaquim, por exemplo), os calçamentos, esgotos, bueiros. Falava também sobre o terreno da cidade, nos levava

⁶ <https://www.vitorramil.com.br/>

aos bairros distantes, aos limites, aos ermos, aos alagadiços. Não deixaria de falar sobre a nossa própria casa, que considerava muito sólida, de explicar a importância do ar que circula sob ela ou das escaiolas. Casa e cidade se conectaram desse modo para mim. Mas o amor pela casa, seus detalhes, ladrilhos hidráulicos, portas e janelas, incidências de luz e, principalmente, as escaiolas, desenvolvi por mim mesmo, ou por algo que penso ser eu mesmo. Essa imitação do mármore (dizem ter sido criada como uma alternativa mais econômica à pedra), além de funcional, é de uma beleza ímpar. É a licença poética da construção. Difícil não parar diante delas como de uma pintura num museu. Parece que hoje em dia há quem as recupere ou mesmo as faça do zero. Ainda não testemunhei esse trabalho sendo feito. Mas há alguns anos, quando não se encontrava quem as fizesse ou recuperasse, elas ganharam o status definitivo de coisa de outro tempo. Para mim, ainda o são. Em nossa casa há sobre uma porta um reparo da escaiola que suponho ter sido feito posteriormente e por outro profissional. É um reparo grosseiro em comparação ao trabalho original, o que demonstra que a escaiola é coisa mais de artista que de artífice. Certas linhas da escaiola parecem fluir livres demais para terem sido feitas por um pincel ou uma linha, como dizem alguns. Ao mesmo tempo, não parecem aleatórias a ponto de terem prescindido do controle humano. Escaiolas bem feitas são misteriosas. Não se poderia falar de arte nesses termos?

Revista PIXO: Em 2023 vai completar 20 anos em que foi apresentada a Estética do Frio, na conferência Porto Alegre, un autre Brésil, no Théâtre Saint-Gervais em Genebra, Suíça. Na consideração expressa no texto publicado, na sua introdução, salientas: “Que futuramente continue nunca sendo o mesmo”. Neste período, quais os elementos e propriedades foram acrescentados à Estética, tendo em vista esse indicativo de abertura à novas percepções?

Vitor Ramil: Durante a pandemia voltei a escrever sobre a estética do frio e é meu trabalho do momento. No texto novo, parto justamente da frase que vocês destacam. Não posso me aprofundar aqui sobre esse ponto para não tirar o ineditismo do que estou escrevendo, mas a pergunta que vocês fazem é exatamente a que esperava que os interessados no tema fizessem. Sempre falei da estética do frio como uma reflexão a ser mantida em aberto, sujeita a revisões, subtrações, acréscimos e contribuições. Não por outro motivo, a certa altura do texto da conferência, digo que se trata de uma viagem cujo objetivo é a própria viagem. Não pretendo que seja considerada consumada um dia. Isso iria contra sua natureza, seu projeto original. Vinte anos depois, não estou no teatro em Genebra, o relógio não está correndo. Posso andar com mais vagar. Então, ao escrever, quero expandir e aprofundar a reflexão, já andei e andamos bastante para isso. Quero também desfazer os inúmeros mal entendidos que ela provocou, em grande parte por ter sido apresentada de modo muito sucinto. A estética do frio sempre foi algo pessoal, reflexão de artista, mas sem demora descobri que correspondia a uma demanda que era coletiva relativamente a questões artísticas e identitárias. Quando cunhei a expressão, no final dos anos 1980, o RS estava em claro viés de estagnação, muito graças à ação do tradicionalismo gauchesco, que esteve aninhado na oficialidade e que reforçou nosso estereótipo, reforçando, indiretamente, nosso sentimento de inadequação à brasilidade. Uma das minhas primeiras ações foi o álbum *Ramilonga*, em que abordo o imaginário regional a meu modo, afirmando meu direito a ele e minha insubmissão ao engessamento pela estereotipia. Pensar e falar pode ser importante, mas é o fazer que traz os resultados. Bem, a história é longa. Quando sair o novo livro, que deverá trazer junto a *Conferência de Genebra* e talvez outros textos, quem sabe a gente avance um pouco mais.

Revista PIXO: “Ao Sul do Sul”, nome do dossiê da Pixo, procuramos encontrar possibilidades de pensar o Sul hoje. Considerando que já percebiste o Sul de outros lugares e outros tempos, qual a diferença entre o nosso Sul, em Pelotas, de outros “Sules” do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina? O que compõe a paisagem do sul do Sul? Até onde vai o Sul?

Vitor Ramil: “*Somos muy sureños*”, costuma me falar o Carlos Moscardini, *guitarrista* que gravou comigo o álbum *délibáb*, quando reagimos da mesma maneira em determinada situação. Ele quer dizer que sempre nos identificamos como de *perfil bajo*, “incapazes de audácias cabotinas”, como escreveu Mário de Andrade sobre os sulistas, atraídos pela contemplação, pela melancolia, bem como pelos interiores, nossos e da paisagem, e tudo de incomensurável e sutil que neles se descortina; pouco afeitos à urgência, à pressa e aos transbordamentos, entre outros traços. Penso que o fato de a milonga *sureña* ou pampeana ser tão popular e representativa no nosso Sul e no deles, Uruguai e Argentina, quer dizer muito sobre essa misteriosa afinidade. Por que, para nós no RS, não é uma música do nordeste da Argentina, mais próxima portanto, como o *chamamé*, a que mais parece falar de nós ou é a mais influente por aqui, não apenas na zona fronteira? O que une os “sules”, como vocês dizem? A resposta está na milonga e sua capacidade de fundir-se a outros gêneros? Na Zona Temperada Sul, abaixo do Trópico de Capricórnio, que nos recorta dentro do contexto predominantemente tropical da maior parte da América Latina? No Sul geográfico que nos posiciona no extremo do continente, no *finisterre* que se anuncia logo ali, contagiando assim o nosso espírito; em sua paisagem que parece nos encaminhar para esse reconhecimento da finitude com suas várzeas, seus campos ondulados e depois retos? Para mim é natural concordar com o Moscardini, identificar mais semelhanças do que diferenças entre nós. Tanto eu como ele poderíamos, num gesto afirmativo, inverter o mapa como fez Torres García, posicionando o Sul acima de tudo. Mas talvez essa afinidade exista só porque colaboramos artisticamente e nos queremos bem. Os vizinhos dele e os meus podem não pensar como nós, não dar a mínima para o fato de viverem no Sul, identificarem-se por outros motivos ou simplesmente não se identificarem. Acho que nunca haverá uma resposta que justifique um ponto de vista ou o outro. Será que o Sul não vai a lugar nenhum?

Revista PIXO: A “Estética do Frio” e “Satolep” continuam movimentando o pensamento sobre o lugar que vivemos. Tu és largamente citado em diversos meios, artísticos, literários, geográficos...acadêmicos, inclusive nessa edição da Revista Pixo. Como percebes essa procura recorrente às tuas obras para encontrar o sul?

Vitor Ramil: Talvez seja porque, ao conectar questões formais com identitárias, geográficas, climáticas etc., todas referentes à minha cidade e ao Sul, olhei de outro ponto de vista para coisas há muito estabelecidas. Segundo Ítalo Calvino, esse procedimento instaura a leveza. E não tenho dúvida de que havia uma grande demanda reprimida para nos livrarmos de pesos de toda ordem que nos imobilizavam. Ainda não nos livramos deles, mas sabemos que não os queremos mais. A intenção de que a estética do frio seja um *continuum* e esteja sempre em progresso é justamente não permitir que se torne um fardo.